

O LEGADO DE JOSÉ DE MESQUITA

Antônio de Arruda

José Barnabé de Mesquita, ainda jovem e pequeno comerciante em Diamantino, resolveu mudar-se para Cuiabá, em 1880. Em Cuiabá, Mesquita Sênior aperfeiçoou seus conhecimentos, tornando-se professor de Latim no Liceu Cuiabano e depois advogado provisionado. Liberal, foi abolicionista e um dos fundadores do Partido Republicano em Mato Grosso. Faleceu prematuramente, em 1892, aos 37 anos de idade.

Neste mesmo ano, nasceu-lhe o único filho, que lhe herdaria o nome e as qualidades. José de Mesquita foi realmente digno continuador do pai, seguindo-lhe as mesmas tradições de honradez e de caráter. Foi até além, porque teve uma vida mais longa e pôde construir uma brilhante carreira e colocar-se no primeiro plano da cultura matogrossense. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, voltou para Cuiabá, advogando algum tempo e ingressando depois na magistratura, que exerceu por 27 anos. Foi Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso durante onze anos consecutivos, o que demonstra seu prestígio perante os colegas.

Desde cedo, Mesquita militou no jornalismo e nas lides literárias. Publicou muitos livros e opúsculos e deixou esparsa em jornais e revistas vasta colaboração. Trata-se de trabalhos que representam mais de 50 anos de laboriosa atividade. Exemplo raro esse, porque o comum no homem de letras é o cansaço precoce, o desencanto e a perda do entusiasmo da juventude.

Entre as obras publicadas por José de Mesquita, destacam-se:

Poesias: Terra do Berço, Escada de Jacó, Roteiro de Felicidade.

Romance: Piedade.

Contos: A Cavallhada, Espelho de Almas (premiado pela Academia Brasileira de Letras), No Tempo da Cadeirinha.

Ensaaios: A Chapada Cuiabana, A Academia Matogrossense de Letras, Bibliografia Matogrossense de Letras, Bibliografia Matogrossense (em colaboração com Firmo Rodrigues).

Biografias: João Poupino Caldas, Manoel Alves Ribeiro.

Além de construir uma obra variada e rica, Mesquita foi também um grande incentivador da vida cultural e animador fecundo das boas causas. A Academia Matogrossense é um atestado vivo de sua extrema dedicação às coisas do espírito. Pode-se afirmar que a Academia nasceu em sua própria casa, pois nela reuniu um grupo de intelectuais que, em 1921, assentaram as bases do Centro Matogrossense de Letras, núcleo da atual instituição. Foi também sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e da Federação das Academias de Letras do Brasil, além de ter pertencido, como sócio efetivo ou correspondente, a inúmeras instituições culturais.

Também, em "A Cruz", que dirigiu por muitos anos, e em outros jornais em que colaborou, Mesquita estimulou vocações e encorajou muitas esperanças. Não poucos jovens lhe devem o ingresso na vida literária, pois lhes proporcionou esse primeiro alento sem o qual não teriam ânimo para perseverar no esforço iniciado.

Em entrevista à "Gazeta" de São Paulo, ao perguntar-lhe o jornalista o que procurava ser na arte, Mesquita respondeu:

- "Um homem do meu tempo, sem escravizar-me às escolas e fugindo ao obsoleto, bem como aos exageros do modernismo, duas deturpações da arte, no tempo, e também ao regionalismo exagerado, deformação da arte, no espaço."

Manifestou seu pendor pela poesia, aceitando para ela tudo o que se lhe apresentava como motivo de inspiração e de beleza, principalmente o lirismo, a seu ver a quintessência poética. Quanto à prosa, declarou dedicar-se ao conto, à novela e ao romance, além dos ensaios, história e genealogia. Anotou ainda sua preferência pelos temas de introspecção e psicanálise, sobretudo feminina, por considerar a alma da mulher, na sua beleza e contradições desconcertantes, o melhor campo de experiência artística. Aliás, neste particular, Mesquita deixou belíssimo trabalho sobre as mulheres na obra de Machado de Assis, a que intitulou '*De Livia a Dona Carmo*'. Nesta análise da galeria feminina do criador de Capitu, Mesquita revelou também esta sua permanente preocupação literária, qual a de compreender a mulher e fixar-lhe as cambiantes do sentimento. Outro gênero para o qual Mesquita confessou sua atração foi o estudo dos costumes, em especial do passado, única realidade humana, segundo Anatole France. A isso tudo, pode-se acrescentar que, cultuando todos os gêneros literários, Mesquita o fez com rara maestria, deixando-nos modelos insuperáveis na arte de escrever.

Seria muito se o ilustre escritor matogrossense houvesse sido advogado e magistrado insigne, poeta e escritor dos mais admiráveis. No entanto, isso não foi tudo nessa personalidade multifacetada. De Boileau há belos versos que se podem traduzir deste modo: - '*Ama a virtude e dela nutre tua alma. Não sejam os versos teu eterno cuidado. Cultiva os amigos, sê homem de fé. Não basta ser encantador num livro: é preciso saber também conversar e viver*'.

Esses simples e sensatos conceitos Mesquita os adotou. Dedicado às letras, não desprezava, porém, o mundo e a vida, antes os envolvia num amplexo sedutor. Aceitando o conselho de Boileau, era, ao mesmo tempo, encantador nos livros e na sociedade. Sua obra toda, sua poesia, principalmente, está impregnada dessa amorável alegria de viver que caracteriza os espíritos sadios e otimistas. Sua palestra cordial, temperada de leve humorismo, seduzia e elevava. Por isso, era-lhe fácil grangear e conservar amizades, algumas vindas do tempo de sua juventude, outras posteriores, todas consolidadas pelo afeto que dispensava a todos.

Ninguém terá levado tão a sério as obrigações sociais como ele sempre o fez. Datas natalícias de amigos, colegas e confrades, instantes de alegria e de dor, tudo era motivo para suas visitas ou pelo menos para um telegrama cordial. Mesquita foi, sem dúvida, um homem educado ou mais propriamente, um homem civilizado.

Espírito reto, doíam-lhe as injustiças e violências. Neste ponto, era bem um discípulo de Ihering, para quem a defesa do direito constitui dever elementar de todo cidadão. Daí porque Mesquita arrostou algumas lutas, às vezes com veemência e pertinácia, que lhe valeram não poucos momentos de amargor. A alguns estas atitudes afiguravam-se incompatíveis com o homem convictamente religioso que também era. A mais de um colega ouvi dirigir-se a ele, com certa malícia, perguntando-lhe:

- *Mesquita, você perdoa aos seus inimigos?*

Sua resposta era invariavelmente a seguinte:

- *Perdão tudo e a todos, mas não esqueço.*

Parece-me assim que ele, como crente, perdoava aos inimigos, mas, como homem sensível, sofria com as ofensas recebidas. Tudo isso, porém, não o impedia de ser bom e de cultivar a generosidade, sentimento que reponta, a cada passo, em seus livros. Assim cantou ele, por exemplo, no soneto "Ato de Bondade", da "Escada de Jacó":

*É preciso ser bom, mesmo que a vida,
Árvore má, te negue fruto ou flores.
Que a ventura ou o infortúnio não decida
Teu rumo, sempre bom, seja o que fores.*

Do mesmo modo, no soneto "Transbordamento" do "Roteiro da Felicidade", há estes conceitos:

*Sendo feliz, deves ser bom, porque a ventura
É uma flor, cujo fruto excelente é a Bondade.
Quem ditoso se sente, há de a felicidade
Irradiar de si, num halo de doçura.*

Pensamentos análogos vêm-se em outros poemas de sua lavra. Por isso, um dos momentos mais sugestivos de sua vida foi quando a Academia Matogrossense lhe prestou significativa homenagem de apreço, em uma sessão a que ele chamou a **Festa da Amizade**. Coube-me então, como Vice-Presidente em exercício da Casa, coordenar as festividades e pronunciar a respectiva alocução de abertura. Falaram também, na ocasião os acadêmicos Corsíndio Monteiro da Silva, Gervásio Leite, Francisco Mendes, Rubens de Mendonça e o jornalista Augusto Mário Vieira, cada qual analisando um dos aspectos de sua obra. Respondendo a essa homenagem, dissera então José de Mesquita:

“Que compensação dadivosa não representa este momento, a tantas decepções que a vida nos traz, às injustiças e incompreensões, frutos de erros de visão ou de instintos inferiores rrecalcados, hostilidades cegas ou surdas, pequeninas e gratuitas, em que muita amizade aparente se desfaz, na pedra de toque do interesse ou das baixas emulações: Vai assim a mestra vida, artista inigualável, depurando, no seu laboratório, as amizades, tão diferentes das chamadas “relações” e fazendo sobrenadar as verdadeiras, que não contêm seiva de interesse nem lia de ressentimento... Quão feliz me sinto nesta idade que ainda quero julgar de transição entre a mocidade, que finda, e a maturidade que começa, nò meio de camaradas, de vocês, velhos ou novos amigos, ouvindo-lhes essas palavras de compreensividade e benevolência, com que me confortam e estimulam, para que eu, bendizendo o que fiz, me anime a continuar fazendo o que puder pela nossa cultura e pela nossa terra.”

No belo ensaio a respeito da poesia de D. Aquino Corrêa, publicado na Revista da Academia Matogrossense de Letras (volume de 1956), José de Mesquita, após analisar os aspectos fundamentais da poética do Arcebispo, afirmou que este achou na poesia o sentido de sua

vida, o que lhe permitiu realizar seu maravilhoso destino. Saliu que, mesmo escrevendo em prosa, D. Aquino produziu magníficos poemas evocativos, eis que, Poeta acima de tudo, foi como Poeta que nos transmitiu seu verdadeiro e autêntico testamento. E concluiu: - *“Esse o seu maior título de glória, o legado primoroso do seu espírito de escol, e muito mais do que do espírito, do seu grande e generoso Coração”*.

Pois José de Mesquita esculpiu também seu legado, em primeiro lugar em sua própria vida, com a qual nos deixou admiráveis exemplos de correção, hombridade e solidariedade humana, assim como em sua vasta obra que marcou presença entre o que há de melhor na produção literária matogrossense.